

**BARBOSA, ANA MARIA DOS ANJOS MARTINS.
MANOEL DE BARROS: ETHOS E ORALIDADE NO
CHÃO DO PANTANAL. CAMPO GRANDE: LIFE
EDITORIA, 2014. 248P.**

Willian Diego de Almeida¹

Publicada no ano de 2014, a obra organizada por Barbosa apresenta o resultado de uma pesquisa que celebra uma abordagem sobre a poética de Manoel de Barros, retratando o processo de discursivização regional, enunciando a importância do uso da literatura regionalística contemporânea, sob o signo emblemático do *ethos* e da oralidade, para compreender a produção de sentidos do texto literário com o “chão” cultural que a originou.

A pesquisa gira em torno do fenômeno da língua(gem), conduzida com base em uma postura crítica sólida, e fornece elementos para a abrangência do uso de epistemologias teóricas que sejam voltadas para o *locus* (regional, fronteiro e subjetivo) de enunciação, como a sul-mato-grossense.

Mediante uma (con) fusão teórica transdisciplinar de autores-teóricos-filósofos, a obra estrutura-se em quatro partes: introdução, capítulos um, dois e três, ambos constituídos de cinco subcapítulos, e considerações finais. Além disso, o livro conta com um respeitável posfácio elaborado pelo professor doutor Paulo Nolasco, em que este se centra na discussão dos conceitos relacionados à pesquisa por meio de uma (auto) sugestão dos princípios que governam o estudo crítico, retratando a seriedade e a originalidade da análise literária, bem como o compromisso teórico assumido na obra.

A autora inicia a obra com uma introdução em que antecipa aos leitores os veios que constituem o volume, sobretudo no que concerne à pertinência da análise da produção poética manoelina vinculados ao local: da posição teórica adotada ao objeto de estudo.

A autora parte da hipótese de que a poética de Manoel de Barros constrói uma imagem dele próprio, dos seres e, sobretudo, uma composição quase metonímica referente ao lugar de enunciação. Como objetivo a autora busca analisar como as obras de Manoel de Barros trazem uma dimensão representativa do elemento regional pantaneiro, da literatura sul-mato-grossense. O *corpus* selecionado para esta investigação são textos representativos dos livros: “Livro de pré-coisas: Roteiro para uma excursão poética no Pantanal” (1985), “Para encontrar o azul eu uso os pássaros” (1999), “Memórias inventadas: a infância” (2003), “Memórias inventadas: a segunda infância” (2006) e “Memórias inventadas: a terceira infância” (2008).

¹ Doutorando em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos e linha de pesquisa “Discurso, subjetividades e ensino de Línguas”, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista CAPES. willian.diego@hotmail.com.

No primeiro capítulo, composto por 81 páginas, intitulado “Pantanal: Lugar de ‘Circunscrición’ na Poética de Manoel de Barros”, é construído um breve referencial teórico-metodológico que vai fundamentar a pesquisa. É apresentado um mosaico de referências bibliográficas que primam pela experiência científica heterogênea, nos quais se destacam as considerações tecidas a respeito dos Estudos Culturais comparados, na contemporaneidade e as noções de regionalidade, questões sociais culturais, literárias e fronteiriças como condição de contato no espaço da poética pós-colonialista de Manoel de Barros.

Nesse capítulo, a autora relata sucintamente fatos e experiências históricas ocorridas no Pantanal. Considerações significativas acerca da referencialização das paisagens, dos limites espaciais, da natureza sócio-histórica cultural, cuja avaliação demonstrou que o espaço pantaneiro, fronteiriço, na obra de Manoel de Barros, constitui-se como um “diluidor de fronteiras” em razão das influências recebidas não só pelos povos brasileiros de outras regiões, sobretudo os gaúchos, a literatura gauchesca, mas também de povos palestinos, libaneses, sírios, turcos, armênios, paraguaios e bolivianos.

Barbosa enfatiza que a região pantaneira é peculiar, pois é fruto do processo de colonização, acabando por influenciar e ser influenciada por diversas culturas, o que estabelece a permuta de costumes entre países. Tal aspecto faz emergir a relevância e a influência do poder cultural advindo do espaço geográfico fronteiriço descrito por meio da matéria poética de Manoel de Barros, articulada como um dispositivo de registro sobre o desenho da identidade cultural bem como as representações das produções simbólicas ligadas à região centro-sul do Mato Grosso do Sul e, por extensão, da própria história brasileira.

O segundo capítulo, embora seja o menor de todos - com 29 páginas - mas o mais denso, tem sua tônica nas considerações a respeito das noções de discurso e de discursivização, focalizando o *ethos* e o *phatos* - noções conceituais da Análise do Discurso (discurso, discursivização, o simbólico) -, como úteis para o gesto interpretativo em relação à caracterização da imagem que se tem do autor, bem como dos sujeitos e dos seres que emergem em sua poética.

A autora faz a análise de alguns recortes enfatizando que o *ethos* é utilizado nessa obra por buscar apontar, em textos orais e escritos, qual a imagem que o enunciador faz de si, no discurso, e mesmo fora dele: suas características, sua identidade. Barbosa articula que ao olharmos para os rastros discursivos que encampam a obra manoelina, conseguimos novas formas de compreender o lugar de enunciação, trazendo novas perspectivas em relação à estrutura cultural e epistêmica da sociedade brasileira, na era de “independência” de ex-colônias.

Já com o *phatos* analisou-se que o autor assume autoridade de convencimento em relação ao leitor, coenunciador, por utilizar de um discurso apaixonante e por estender esse discurso, de maneira persuasiva, à tessitura de sentidos dos textos que compõem

a poética nos recortes das obras analisadas. E essa “paixão”, como uma dimensão subjetiva que constitui o autor em toda sua existência, acaba por conduzir o leitor a uma “excursão”, ou seja, pelo olhar do enunciador (narrador) quem lê pode conhecer o espaço pantaneiro por meio do valor atribuído ao lugar na obra.

Além disso, Barbosa traz a baila a importância da literatura em relação à identidade cultural, uma vez que os sujeitos, (in)conscientes, constituem-se, falam, realizam escolhas a partir de um *locus* de enunciação, do qual pertencem; e Manoel de Barros não poderia ficar fora. Disso implica dizer que o processo de escrita, sempre simbólico, sempre emblemático, dá-se mediante um processo de identificação entre o autor com seu objeto, a fim de testemunhar a presença e/ou retorno do autor nas inventividades de sua interlocução.

Cabe ainda considerar que nessa perspectiva a leitura sobre o autor também é articulada na obra. O interesse por esta articulação é o de tentar entender ou explicar como o *corpus* da pesquisa também é cerzido. Barbosa utiliza das perspectivas de Roland Barthes em “A Morte do autor”, de 1968, e de Michel Foucault em “O que é um autor?”, de 1992, para melhor poder “configurar” a “função-autor”, a identidade, a presença do o(O)utro, as relações intersubjetivas, os valores e as vinculações de uma trajetória de vida que, relacionada a um contexto, apaga os limites tênues entre ficção e realidade da escrita de Manoel de Barros. E este sujeito-autor consolida a caracterização do seu texto literário, pós-canônico, a partir da constituição de um diálogo que afiança e testemunha a singularidade, o regionalismo e a projeção do momento histórico, social e cultural sul-mato-grossense, conduzindo o leitor pelas entrâncias do Pantanal.

No terceiro e último capítulo, composto por 83 páginas, são apresentadas as análises, as interpretações e as (in)conclusões da pesquisa. Neste capítulo são utilizadas as teorias abrangidas no primeiro e no segundo capítulos, a fim de pontuar o lugar/ espaço da textualidade, sob o aspecto emblemático do *ethos* e da oralidade, bem como os temas/elementos (con)textuais e os processos discursivos.

Mediante o recorte do *corpus*, discute-se a representação da obra manoelina, a produção de sentidos do texto literário e o seu caráter dialógico com o *locus* de enunciação e com o contexto sociocultural em que se originou.

Os recortes analisados apontaram que o autor utilizou-se de artifícios poéticos, de maneira (in)consciente, para delimitar ao leitor aspectos de sua vivência, sobretudo nos pontos geográficos mato-grossense e sul-mato-grossense. Longe de um *marketing* publicitário, Barros cria com os artefatos linguísticos unidos à literatura oral um processo de discursivização, de dizer(-se), bem como de revelar detalhes sobre aspectos culturais relegados, antigamente, à oralidade.

Além disso, Barbosa ratifica que o gênero literário usado por Manoel de Barros, o poema em prosa, torna-se híbrido, no qual a narrativa demonstra o objeto e, na mesma medida, expressa a subjetividade do autor, sua marca identitária: Barros trabalha a

linguagem atribuindo novas significações, uma vez que reinventa palavras advindas da mescla de vocabulário culto com o popular, marcadas particularmente pela presença da oralidade.

Barbosa também dá ênfase à personagem Bernardo a Mata, presente em diversas obras de Manoel de Barros, como “O guardador de águas”, o “Livro de pré-coisas”, entre outros. Pelo o fato de a personagem apresentar-se como um sujeito de cultura cabocla, mestiça, advindo do entremeio cultural Brasil-Paraguai e Brasil-Bolívia, ou seja, uma verdadeira mistura étnica, Manoel de Barros tece sua poética retomando o hibridismo fronteiriço, como um arquivo que se processa mediante um reflexo ou espelho do real: a concretização da personagem traz elementos simbólicos e discursivos da dimensão cultural pantaneira. Nessa parte a análise (d)enuncia que Manoel de Barros, um *ex-cêntrico*, por meio de seu dizer-fazer artístico, incumbe-se de retratar os seres que estão à margem da sociedade, os desprivilegiados pela sociedade.

Além disso, das análises emerge que o escritor pós-ocidental correlaciona as imagens em sua prosa com o cotidiano, relevando o uso de expressões populares e regionais empregadas mediante uma escrita oralizada. E essa “inventividade oral”, esse dialeto na sua escrita, representa a configuração de expressões populares que a discursivizam sobre a própria região ressaltando a formação: da identidade local e regional pantaneira, do homem com a natureza, do humano com o mundo.

A autora analisa ainda como a prosa poética de Barros pode trazer rastros de sua autobiografia, confirmando que há uma ligação da sua identidade de autor, esta relacionada a uma memória (ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente), com o(s) narrador(es), com a dimensão subjetiva e rica da (re)significação à sua infância, (re)configuradas pelas lembranças culturais adquiridas no local onde morava com os pais e irmãos. É dessa memória e dessa infância que nasce a poética do (seu) chão pantaneiro.

Nas considerações finais, Barbosa retoma, de maneira sintética, o que foi articulado em cada um dos capítulos, para depois reafirmar e confirmar a sua hipótese inicial de que as obras analisadas de Manoel de Barros trazem uma revelação do seu eu, seja enquanto escritor seja enquanto sujeito, uma representação histórica (escrita e oral) do elemento regional constitutivo da literatura sul-mato-grossense. Além disso, a análise demonstra também a singularidade do autor em sua poética pós-ocidental, na qual, pelo seu gesto de escritura, pode-se revelar a influência do seu *locus* de enunciação, a identidade (do autor e a local, pois ambas se entretecem), as ideias e os mitos regionais e o intercâmbio cultural das diferentes historiografias fronteiriças.

Embora o conjunto da obra abordada apresente diferenças de estruturação nos capítulos - dois capítulos extensos e um capítulo curto -, isso não compromete a seriedade da pesquisa e não dispersa a atenção do leitor, pois as subdivisões estão bem entrelaçadas. E isto faz com que a noção de conjunto e os aspectos encetados pelo próprio título sejam conservados.

Além disso, o livro apresenta leitura tramada por uma postura crítica madura, merecendo destaque o terceiro capítulo, pelo fato de não se limitar somente a informações de natureza teórica, demonstrando a necessidade de reflexão constante sobre literaturas consideradas periféricas, conduzindo leitores a questionamentos do centro em busca da valorização de teorias e leituras que estão à margem.

A obra em si demonstra a necessidade de (re)avaliarmos as transformações que têm ocorrido nos regimes academicistas, mediante informações filtradas por posturas críticas e debates significativos, corroborando a necessidade de uma reflexão constante a respeito das literaturas periféricas, do “subalterno”, pelo fato de Manoel de Barros falar da perspectiva de quem está à margem dos autores que enfocam apenas teorias eurocentristas.

Seguramente, a obra é direcionada àqueles que se interessam pelas áreas de humanas, sobretudo professores, pesquisadores e discentes que estudam a respeito da(s) língua(gen)s, pois se trata de um trabalho sério, resultante de investigações e que esclarece pontos relevantes a respeito da literatura, da identidade sul-mato-grossense e da (inter)subjetividade que atravessa a escritura de um literato que contribuiu para a construção da imagem do o(O)utro, da memória que esteia e (re)alimenta aspectos ideológicos e culturais pantaneiros.